

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA CRÔNICA POR MEIO DA ARTE E DAS NOVAS TECNOLOGIAS*

José Fernando Cursino**

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a relação interdisciplinar entre linguagem literária e tecnologias para o aprendizado significativo do gênero crônica na sua interatividade com as Artes e seus novos meios de produção, como, por exemplo, a ciberarte, a cultura digital e as representações hipermediáticas. A partir desta interação com outras disciplinas, discutir a importância do ciberespaço para a proficiência da leitura e da escrita em sala de aula por meio do estudo da crônica. A semiótica greimasiana serve de base para esta proposta, amparada em outros estudos dirigidos a linguagem e a reestruturação do sujeito no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Crônica. Semiótica. Tecnologias. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Pensar e aprender são processos inseparáveis porque nosso cérebro se esforça para pensar o tempo todo. Significa, então, que aprendizagens ocorrem toda vez que ocorrem pensamentos significativos. Somente aprendizagens rotineiras envolvem pensamentos sem muito significado. (SANTOS, 2008, p.36)

A linguagem, de uma forma geral, é entendida como formadora das relações entre os sujeitos e os fatos, do desenvolvimento das sociedades e das ideologias e os sistemas que a regem. A linguagem é poder. O poder da linguagem constrói o valor das coisas. Esse valor se transforma em conhecimento. Por sua vez, conhecimento também é poder. O instrumento para pensar o conhecimento é a palavra. Por isso, ser sujeito é ser o condutor de suas próprias ideias e se colocar como proprietário de sua história e dar a ela um direcionamento. Desse modo, deve se entender a crônica em sala de aula como um exercício de aprendizagem.

Considerando o aspecto formador da linguagem, este artigo trata, à luz da Semiótica, de uma leitura da crônica, sob uma perspectiva interdisciplinar, para um estudo mais aprofundado de seus efeitos de sentidos e de discurso em sala de aula. De certo modo, as obras de teoria da literatura e mesmo os livros paradidáticos costumam tratar da crônica apenas sob dois aspectos que julgam fundamentais: o primeiro diz respeito a sua constituição formal, ou seja, um texto curto, publicado geralmente em jornais e que, assim como os periódicos, possui a efemeridade

* Artigo originado de minha dissertação: CURSINO, José Fernando. Crônica, Discursos e Linguagens: um estudo das linguagens e valores por meio da crônica em sala de aula. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica, Tecnologia da Informação e Educação). Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo, 2011.

** Formado em Letras e Mestre em Semiótica, Tecnologia de Informação e Educação. Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes. e-mail: fernando.cursino@gmail.com.

das publicações diárias. E o segundo procura tratar os temas abordados pela crônica como fatos do cotidiano, às vezes de pouca relevância jornalística, que depende da criatividade do cronista para que se possa extrair de tais fatos algum fator de interesse para o público.

Por conseguinte, meu propósito consiste-se em apresentar respostas considerando os questionamentos sobre a leitura do gênero e assegurar, para o aluno nas aulas de Língua Portuguesa, que a crônica não diz respeito apenas a um texto curto, de linguagem próxima a do coloquial, desprendida nas folhas dos jornais ou das revistas, mas, em princípio, de um texto denso e significativo. Trata-se, sobretudo, de uma criação poético-literária que permite ao autor externar em poucos parágrafos, além de toda sua criatividade, também sua visão de mundo e suas ideologias. A crônica pode ser, sob certos aspectos, considerada como um fato narrado em um poema em prosa. Do mesmo modo que há poemas relacionados à visão subjetiva do autor, condizentes a sentimentos universais, há também aqueles preocupados em denunciar e criticar as mazelas sociais do cotidiano. A recíproca é verdadeira quando nos referimos à crônica. Nessa perspectiva, a crônica, por suas características discursivas, torna-se uma estratégia pedagógica importante para despertar no aluno seu senso crítico em relação ao espaço físico e socio cultural que o cerca. O estudo das linguagens da crônica, bem como dos discursos que se manifestam nesses textos, é relevante para uma reflexão sobre o ensino da língua materna, segundo um olhar interdisciplinar que, traduzido para um conceito mais abrangente e atual, diz respeito à troca de conhecimentos entre as disciplinas.

No entanto, para construir um conteúdo concreto que signifique algo para o aluno, a prática destas atividades segue um modelo de aprendizagem significativa conforme a proposta de Santos (2008). O aprendizado significativo permite a troca de experiências e de valores entre os sujeitos envolvidos no processo de

ensino-aprendizagem. As tarefas propostas são colocadas em discussão e o produto final aprendido, em cada parte do todo, pelo grupo, com a finalidade de surgir novas discussões sobre o tema e sugestões para novas propostas, em um *in fieri* contínuo, no qual se busca, não certezas absolutas, mas – parafraseando Manoel de Barros¹ – a complexidade daquilo que o ser humano tem de mais característico e valioso: sua incompletude.

Em uma definição mais precisa sobre a função da aprendizagem significativa consideramos:

O modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informações prontas e ter, como única tarefa, repeti-las na íntegra. A promoção da aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, no qual o aluno é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais. A verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitar-lhe agir e reagir diante da realidade. (SANTOS, 2008, p. 73)

Este propósito se torna evidente quando da interação com as artes plásticas e as novas tecnologias com a finalidade de motivar o aluno para a prática da produção textual.

1 A CRÔNICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Este artigo, cujo tema compreende o ensino da crônica na sala de aula, constitui-se basicamente da semiótica greimasiana, e perpassa pelo interdisciplinar, em que a crônica é também analisada com base nos conceitos de algumas teorias que têm como objeto o estudo da linguagem, a partir das quais, formulo algumas sugestões para atividades, direcionadas para a produção e a interpretação de textos. Com efeito, esta proposta compreende a complementação de dois momentos.

Em primeiro lugar, participar ao aluno que as tecnologias a ele acessíveis também podem lhes proporcionar outros modelos de conhecimentos. Despertá-lo para a necessidade de se criar elos com sua comunidade e percebê-la como uma célula inserida em redes locais e mundiais, resultado da globalização e dos desenvolvimentos tecnológicos. Apurar o seu senso crítico para fazê-lo refletir sobre sua realidade como sujeito capaz de reconhecer suas prováveis falhas e encará-las como etapas a serem superadas no processo de aprendizagem. Incrementar o interesse pela pesquisa e a leitura de autores com a intenção melhorar gradativamente sua própria produção. Demonstrar que a leitura e a escrita são elementos básicos para o acesso à cultura. Não apenas a cultura já cristalizada em nossa sociedade, mas também aquela formada pela agregação de novos conhecimentos, produto da contemporaneidade, marcada pela massificação e pelo efêmero, por isso, mutável e em constante movimento.

Em segundo lugar, trazer para a sala de aula a análise semiótica do texto a fim de compreender o gênero crônica e os seus níveis de significação, ou seja, descrever o sistema de valores subjacentes ao texto da crônica por meio de uma análise da semântica profunda conforme a Semiótica Greimasiana. Esta apresenta o percurso gerativo que possui três níveis. No nível profundo se encontram as categorias semânticas de oposição, cuja negação de um dos termos pode indicar uma relação de contrariedade, contraditoriedade ou de implicação. Os elementos, de acordo com seus opostos, transformam-se em valores que contém um efeito de positividade ou de negatividade, ou, segundo a semiótica, de euforia e disforia. No segundo nível, o narrativo, é marcado por uma transformação de estado, no qual um sujeito pode estar em conjunção ou disjunção com um objeto. Estas transformações “articulam-se numa seqüência narrativa canônica [...] e “mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo,

que é a narrativa” (FIORIN, 1999). No terceiro nível, o discursivo, “[...] se revestem as estruturas narrativas abstratas” (FIORIN, 1999).

A semiótica também procura explicar de que maneira o sentido se constitui nas relações simbólicas e processos discursivos na construção, ou não, dos valores culturais:

O homem distingue-se dos outros animais do planeta justamente por sua *diversidade* linguística, cultural, social e histórica; essas características conferem ao homem sua *condição humana*. Com efeito, uma abordagem puramente biológica mostrar-se-ia claramente insuficiente. Nesse sentido, a história da humanidade corresponde ao processo histórico da cultura, ou antes, das culturas. Estabelecem-se, pois, o interesse e a necessidade de uma *semiótica das culturas*, que permita estudar esses *processos* e essa *diversidade*. Poder-se-ia dizer, em caráter preliminar, que a semiótica das culturas tem por objeto as culturas humanas e sua diversidade. (PAIS, 2007, p. 151)

Nesse sentido, demonstrar para o aluno, por meio do gênero crônica, que todo discurso é perpassado por discursos anteriores, individuais e/ou coletivos que transmitem seus valores transfigurados e transcodificados pelos novos usuários da língua e pelos novos meios de comunicação. Estes, por sua vez, o modificam e pluralizam as formas de expressão. No entanto, o discurso requer um pensar, um fazer anterior, que se concretiza no enunciado – texto falado, escrito ou sincrético – afirmando e/ou refutando os valores compartilhados entre os sujeitos.

Um dos pontos de articulação importantes desta proposta consiste em trabalhar alternativas em conjunto com a interdisciplinaridade. Conforme Morin (2008), construir uma definição para interdisciplinaridade – bem como para a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade – esbarra em sérias dificuldades, devido ao caráter impreciso e polissêmico do termo.

Apesar disso, podemos considerar a interdisciplinaridade como a troca e cooperação

com o fim de criar um enredamento orgânico entre as disciplinas. Com o emprego do termo se pretende pôr em prática a migração de conhecimentos, com o propósito de incentivar grupos de diferentes áreas para sanar dificuldades que lhes sejam comuns.

Na realidade, essa ruptura das fronteiras disciplinares já ocorre. Por exemplo, a elaboração do conceito de ecossistema surgiu em uma época na qual o momento “permitiu articular conhecimentos diversos: geográficos, geológicos, bacteriológicos, zoológicos e botânicos (MORIN, 2008, p. 111).

Desse modo, a re-ligação dos saberes fragmentados, contribui para o avanço, a transformação e a criação de disciplinas quando constitui um novo esquema cognitivo. Em poucas palavras, entendemos por interdisciplinaridade, o rompimento das fronteiras entre as disciplinas, permitindo a livre transposição de ideias e de conceitos (MORIN, 2008, p. 107).

Do mesmo modo, torna-se imperativa a necessidade de ultrapassar as barreiras teóricas e verificar as possibilidades que cada teoria acerca da linguagem nos oferece para delas extrairmos os recursos que darão suporte para a elaboração das atividades em sala de aula, a partir do gênero crônica.

2 O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE A CRÔNICA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

No tocante à interdisciplinaridade, pode-se estabelecer analogia entre a crônica com a arte figurativa, abstrata ou a contemporânea. Esta última, segundo Domingues (2003) entende-se por *ciberarte* ligada a *cibercultura*, e “[...] propõe uma forte questão antropológica: repensar a questão do corpo” (DOMINGUES, 2003, p. 95). A autora defende que as mais diversas expressões artísticas, na contemporaneidade, requerem a interface com as tecnologias, na busca da interação entre o biológico e

a máquina. Portanto, entende o corpo como expansão das tecnologias, características de uma arte do comportamento, em que está presente o corpo e o saber fazer.

A relação corpo – máquina provoca uma “revolução antropológica”, pois sofremos reações comportamentais e psíquicas quando interagimos com o mundo virtual, que representa um simulacro da realidade, em que o corpo responde sensivelmente aos estímulos das imagens. A ciberarte incorpora o conceito de complexidade de Edgar Morin (2008), o qual se baseia na etimologia da palavra, que em latim significa “aquilo que é tecido em conjunto”. Dessa forma, a ciberarte engloba todos os meios tecnológicos disponíveis para sua expressão. Neste caso, uma das atividades proposta seria levar o aluno a experimentar as provocações psíquicas, comportamentais e antropológicas da ciberarte, em seguida solicitar uma crônica na qual descreverá criticamente sua experiência.

Na sociedade contemporânea, em virtude da complexidade gerada pelas transformações tecnológicas, “surgiram diferentes perspectivas teóricas para compreender as mudanças observadas no cenário mundial (HENNINGEN, 2004, p. 104). *Grosso modo*, estas mudanças que constitui a chamada pós-modernidade – ou contemporaneidade - apresentam as seguintes características:

[...] descrença em relação às metanarrativas e aos significados universais e transcendentais, a crise das Hierarquias – de conhecimento e culturas – a crise da representação e o predomínio das simulações, a passagem do logocentrismo para o iconocentrismo, a fragmentação e descentramento das identidades, entre outros aspectos. (HENNINGEN, 2004 p. 105)

Segundo Maffesoli (*apud* henningen, 2004, p. 106) nas sociedades contemporâneas se manifesta a primazia da imagem para a constituição da sociedade e dos sujeitos, e se define a pós-modernidade sob a

máxima de uma “sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico”.

Ora, se o papel da crônica possui como princípio básico registrar o circunstancial e lançar mão de uma linguagem próxima de seu público, estabelecendo o diálogo interativo cronista-leitor. Se tal dialogismo permite um equilíbrio entre o coloquial e o literário, a crônica, ao particularizar o *efêmero*, constitui um gênero peculiar que oferece elementos para um exame literário, não apenas às suas constituições internas, mas também às suas relações com a exterioridade. Em um sentido mais específico, com o momento histórico e único em que é elaborada. Por isso, um gênero híbrido que se alimenta do cotidiano, pode registrar com propriedade as mudanças frenéticas e a fluidez das sociedades pós-modernas.

No cenário da contemporaneidade, não podemos desconsiderar a necessidade de expansão espacial organizada em redes geográficas que permite, segundo Santos (2006, p. 262), unificar fronteiras e possibilitar o acesso rápido e fácil a informações como: cultura, política, economia, serviços e pessoas. Todos estes fatores aliados ao avanço tecnológico que atualmente intercala toda a estrutura social do mundo Globalizado.

A priori, ainda que tal procedimento possa parecer um desvario, um deslocamento do fio condutor do nosso trabalho, podemos assinalar a importância deste aprendizado para que o aluno tome consciência da sua inserção no contexto espacial organizado em redes. Por meio de observações locais, como por exemplo, o acesso aos meios de transporte que permitem seu deslocamento de um lugar para outro, os valores sociais e econômicos inscritos nos bens e serviços prestados em sua cidade, amplia gradativamente sua visão para direção do global. Parece ao menos coerente considerar tais aspectos, acrescidos ao conhecimento de mundo, para servir de subsídios para a produção textual de um gênero com uma gama de particularidades como a crônica.

Como foi enfatizado no início desta explanação, o principal objetivo do estudo do gênero crônica não se restringe somente a enquadramentos teóricos, mas sobretudo a formular atividades a fim de inculcar habilidades cognitivas no cotidiano escolar.

Na literatura, melhor dizendo, na prosa, a crônica, por ser tratar de um gênero que autoriza a literalidade², mas, principalmente na poesia, os autores sempre mantêm a preocupação de adaptar à estrutura frástica do verso, as chamadas figuras de linguagem. Os jogos com o significante permitem atingir um determinado grau de expressividade, visto que os recursos estilísticos de versificação têm por finalidade promover efeitos sonoros: a ressonância e a aliteração, o eco, a anáfora, a alternância entre sílabas fortes e fracas, as onomatopéias. Também, construir imagens com as figuras de palavras e as figuras de pensamento.

Com as transformações, tanto no âmbito cultural quanto no campo social, promovidas pelo furor dos movimentos de vanguarda, pós-Primeira Guerra Mundial, a poesia no Modernismo brasileiro reforça a tendência de transfiguração do poema ao incorporar eixos temáticos e figurativos das diversas manifestações artísticas e das inovações tecnológicas da época:

Nesta perspectiva é possível analisar a literatura e a arte contemporâneas como expressão de uma estratégia alternativa de representação, em que a tendência experimental modernista de criar formas heterogêneas e híbridas entre diversos regimes expressivos – literatura, arte, fotografia, cinema, etc. – visa ressaltar uma concretude afetiva do signo até o limite de sua representatividade. (SCHØLLHAMMER, 2002, p. 78)

Na esteira dessas reformas, nos anos 50 do século XX, surge a poesia concreta, que procura dar a forma do poema, uma estrutura arquitetônica buscando entre outros efeitos: o movimento, estrutura dinâmica, a relação com a disposição e a pintura geométrica, a abolição do verso tradicional, e a preocupação de

resolver o problema do espaço, o conteúdo voltado para os aspectos sonoros e visuais.

Os concretistas adotaram meios para que a realidade fosse incorporada ao trabalho. Dessa forma, os quadros e as poesias apontavam para as figuras arquitetônicas e esculturais do cotidiano, além de diversas possibilidades de leitura através dos diferentes ângulos visuais.

Hoje, com o desenvolvimento de novas tecnologias audiovisuais, a poesia concreta ganha outros modos de representação. Em determinados aspectos lhes serve de complemento, ou mesmo de veículo difusor para empreendimentos das mais variadas performances hipermidiáticas. As facilidades técnicas das mídias de informatização permitem aos poemas concretos, aos poemas-livro e à poesia cinética uma releitura na interface do computador em forma de vídeos na *Internet*.

O *Youtube*, sítio que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, apresenta entre outros trabalhos “Cinco Poemas Concretos”, de Christian Caselli. Trata-se de uma adaptação para o audiovisual dos poemas concretos “Cinco”, de José Lino Grunewald, (1964), “Velocidade”, de Ronald Azeredo, (1957), “Cidade”, de Augusto de Campos, (1963), “Pêndulo”, de E.M. de Melo e Castro, (1961/62) e “O Organismo”, de Décio Pignatari, (1960).

O mesmo tratamento transmidiático pode ser dado à crônica. Um trabalho escrito para um veículo específico, no caso da crônica no jornal, possibilita seu transporte para outras mídias, como revista em quadrinhos, vídeos, games, etc.

De acordo com este plano traçado, e com os postulados de Santos (2006, p. 263-264) surgem os acessos para colocar em prática as propostas do professor José Manuel Moran³, no que se refere à *Internet* como mídia descentralizada, na qual as informações vagam através das fronteiras de forma diluída, e nicho de uma democracia pedagógica, seria uma ferramenta

auxiliadora para uma proposta de atividades extraclasse adequadas aos modelos das mídias interativas.

Conseqüentemente, existe a possibilidade concreta de incorporar no ensino da crônica pelo menos uma das proposições de Moran (2000, p.138), com o propósito de estimular a produção textual, o contato e a manipulação de ferramentas tecnológicas. Esta consistiria na criação de um “Blog” em uma página da *Internet* com o nome de (a título de exemplo), “A crônica nossa de cada dia”, por meio do qual os alunos mostrariam suas produções, e um espaço para sugestões e críticas. Poderia, neste caso, ser interessante a elaboração de uma enquete em que os frequentadores pudessem escolher por votação os assuntos mais polêmicos divulgados nos meios de comunicação durante um determinado dia. A matéria mais votada serviria de tema para futuras crônicas que seriam publicadas no *Blog*.

Seria importante manter “links” com sítios de cronistas consagrados atuantes, ler suas crônicas e tentar incorporar algumas ideias ou mesmo procurar seguir-lhes o estilo. Manter acesso a outros *links* que descrevem modelos das superestruturas dos gêneros e dos tipos textuais servindo de suporte para os alunos caso surjam dúvidas. O professor poderia, em uma situação particular, oferecer ajuda, porém seria o último recurso, pois o objetivo é fazer do estudante um pesquisador.

Enfim, todas estas formulações serviriam principalmente para despertar o interesse dos jovens, que, segundo Moran, são cada vez mais atraídos pelas novas tecnologias da informação. Neste caso, a produção de textos para a publicação no *Blog* e as discussões entre alunos e professores apresentariam um caráter lúdico, facilitando a aprendizagem. Portanto, as aulas se tornariam mais interessantes e participativas, e um considerável número de crianças teria acesso às tecnologias digitais, contribuindo para as aberturas de espaços físicos e inter relacionais, bem como o aprendizado dos conteúdos programáticos.

Entretanto, cabe uma pergunta fundamental: qual seria o papel da escola nesta era de novidades tecnológicas, acessível a alunos de diferentes classes e poder econômico? Na verdade, trata-se de processos tecnológicos irreversíveis, determinantes da natureza das relações das redes sociais e econômicas da era digital. Por este motivo, torna-se cada vez maior a necessidade da incorporação destes avanços a fim de utilizá-los como parte importante na elaboração de políticas curriculares que contemplem instrumentos facilitadores para a implantação de futuras tecnologias, diminuindo a distância destas, em relação ao atual quadro do ensino-aprendizagem.

Não há dúvidas de que vivemos hoje em um mundo totalmente diferente de há vinte, dez, cinco anos. Segundo considerações de Canclini (2008), no início do século XX havia o sujeito leitor, objeto da escola tradicional, alfabetizado pelas cartilhas. Logo a seguir, surge o cinema e a televisão, e também o sujeito espectador, elo central da massificação da cultura. A cartilha permanece até a década de setenta do século passado. A escola demora algum tempo para abrir os olhos e incorporar o produto e linguagens destes meios de comunicação aos seus livros didáticos e proporcionar ao aluno-leitor uma visão mais próxima dos acontecimentos de seu tempo.

A partir da década de noventa do século XX em diante, as populações mundiais começam a ter acesso aos computadores (PCs), aos celulares, *iPOD*, *MP3*. Com o surgimento destes aparelhos, há modificações profundas entre as linguagens e o modo de ser das comunicações humanas. Entra em cena a figura do sujeito internauta e as teorias das convergências digitais, a engenharia genética e a espetacularização do corpo. Nesse sentido, “a tecnologia é uma expansão e uma prótese do homem, ou melhor, sempre mais, o homem vai-se fazendo, de maneira incessante e irreversível, uma prótese da tecnologia” (STEIN, 2007, p. 20). Canclini

(2008, p. 11) pode melhor esclarecer este novo panorama com o qual lidamos em nosso cotidiano:

Você está dirigindo seu carro enquanto ouve um audiolivro e é interrompido por uma ligação no celular. Ou você está em casa, sentado em uma poltrona, com o romance que acabou de comprar, enquanto na televisão ligada à espera do noticiário passam um anúncio sobre as novas funções do iPod. Você se levanta e vai até o computador para ver se compreende essas novidades que não estão mais nas enciclopédias de papel[...]. (CANCLINI, 2008, p. 11)

Para se ter uma ideia desta complexidade, o *internauta* tem atualmente, à sua disposição, um novo meio de navegação na rede, o *Twitter*. Trata-se de uma rede social e servidor para microblogagem. Aos seus usuários é permitido enviar e receber atualizações pessoais de outros internautas por meio de *websites* de serviços e por *softwares* de gerenciamento específicos. Desse modo, as atualizações são apresentadas no perfil de um usuário em tempo real, que podem, se for o caso, ser enviadas a outros usuários.

Com o lançamento do *iPAD*, pela *Apple*, multinacional que atua no campo de aparelhos eletrônicos, começa a se concretizar a convergências das mídias. Pelo *tablet* da *Apple* podem se agregar as diversas funções de equipamentos, como *Notebooks*; *Netbooks*, *Smartphones* e *e-readers*, com isso é possível ter acesso a jornal, revistas, livros e assistir a programas de TV. Apresenta como novidade tela *touchscreen* com páginas “viráveis” e índice de livros. Nada impede a tendência de agregar outras tecnologias. Em um futuro próximo a *Apple* pretende produzir livros escolares para o aparelho.

As nossas políticas educacionais, por exemplo, ainda não incorporaram de fato tais tecnologias nos currículos escolares do país, mesmo as estatísticas apontando para um crescimento considerável, na população, da demanda de aparelhos eletrônicos e computadores caseiros ou *notebooks*. O acesso

rápido à transmissão e recepção de mensagens com direcionamento para o aprendizado incluiriam alunos e professores em uma rede em comum. Essas trocas de experiências levariam à interação dialógica e à produção de textos que em nossas perspectivas seriam uma etapa importante para o aprendizado do gênero crônica. De acordo com Moran:

Hoje começamos a ter acesso a programas que facilitam a criação de ambientes virtuais, que colocam alunos e professores juntos na Internet. Programas como o Eureka da PUC de Curitiba, o LearningSpace da Lotus-IBM, o WEBCT, o Aulanet da PUC do Rio de Janeiro, o FirstClass, o Blackboard e outros semelhantes permitem que o Professor disponibilize o seu curso, oriente as atividades dos alunos, e que estes criem suas páginas, participem de pesquisa em grupos, discutam assuntos em fóruns ou chats. (MORAN, 2000 p. 137)

Portanto, defendo que a legitimidade de um projeto voltado para a crônica se deve ao fato de o educando poder observar, ponderar sobre o seu espaço físico e social. A partir de suas inferências, desenvolver competências e habilidades de formular hipóteses sobre outros assuntos que indiretamente afetam sua vida e pertencem de certo modo as formações discursivas instauradas pelos meios de comunicação e pelas mídias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a ciência que se ocupa da geração de sentido, os estudos da Semiótica acompanham o desenrolar dos significados agregados aos discursos subjacentes do mundo contemporâneo. Em relação à proposta deste trabalho, consiste em buscar evidências para a construção de sentido entre a crônica e as novas tecnologias. Essas também englobam a língua portuguesa e os diversos tipos de expressão artística reorganizadas nas mídias eletrônicas. O estudo das etapas dos discursos, segundo a Semiótica, torna possível a reconstrução do sentido no

discurso manifestado na crônica, que produz os efeitos de sentido da sedução literária. Portanto, ao aprofundar o estudo da leitura da crônica em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa lança mão de um recurso que atende à necessidade de um trabalho mais significativo, que não se preocupa apenas em aprimorar competências e habilidades, posto que suas diretrizes também deveriam considerar com maior grau de importância a inserção na sociedade globalizada de sujeitos capazes de transpor as barreiras de um mundo diversificado, complexo, inconstante. Entraves que, não superados adequadamente, na maioria das vezes, promovem a segregação, ao mesmo tempo em que demonstram uma tendência para homogeneização do ser humano. A interdisciplinaridade e a complexidade propõem um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Logo, a necessidade de estabelecer um ponto em comum entre a crônica, que por si constitui um gênero que transita entre o literário e o jornalístico, a Semiótica, a Arte e as tecnologias emergentes.

MEANINGFUL LEARNING OF CHRONICLE THROUGH ART AND NEW TECHNOLOGIES

Abstract

This paper aims to discuss the interdisciplinary relationship literary language and technologies for the effective learning of the genre in its chronicle interactivity with the Arts and its new means of production, for example, cyber art, culture and the digital representations of hypermedia. From this interaction with other disciplines, discuss the importance of cyberspace to the proficiency of reading and writing in the classroom through the study of the chronicle. Semiotics greimasian serves as the basis for this proposal, supported by other studies directed the language and the

restructuring of the person in the contemporary world.

Keywords: Chronicle. Semiotics. Technologies. Interdisciplinarity.

NOTAS

- 1 A maior riqueza do homem/ é a sua incompletude./ Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito./ Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,/ que puxa válvulas, que olha o relógio,/ que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis,/ que vê a uva etc. etc./ Perdoai Mas eu preciso ser Outros./ Eu penso renovar o homem usando borboletas.
- 2 Para verificar um exemplo esclarecedor de jogos com o significante consultar ANDRADE, Carlos Drummond de. "Letras louvando Pelé." In: MONTEIRO, J. Lemos. *A estilística*. São Paulo, Ática, 1991, p. 120 – 121.
- 3 Prof. José Manuel Moran - Nós esperamos que a tecnologia — teoricamente mais participativa, por permitir a interação — faça as mudanças acontecerem automaticamente. Esse é um equívoco: ela pode ser apenas a extensão de um modelo tradicional. A tecnologia sozinha não garante a comunicação de duas vias, a participação real. O importante é mudar o modelo de educação porque aí, sim, as tecnologias podem servir-nos como apoio para um maior intercâmbio, trocas pessoais, em situações presenciais ou virtuais. Para mim, a tecnologia é um grande apoio de um projeto pedagógico que foca a aprendizagem ligada à vida. www.educacional.com.br/.../entrevista0025.asp Acesso em 12 maio 2010.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. *Letras louvando Pelé*. In: MONTEIRO, J. Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991. p.120- 1.
- CANCLINI, N. G. *Leitores, Espectadores e Internautas*. Trad. de Ana Goldberger. Iluminuras, 2008.
- DOMINGUES, D. (Org.). *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: UNESP, 2003.
- EAGLETON, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais*. Trad: Maria Luca Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 222.
- FIORIN, J. L. *Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. 1999. Acesso em: 12 maio 2010.

GONÇALVES, F. N. *Fabulações eletrônicas: poéticas da comunicação e da tecnologia em Laurie Anderson*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

HALL, S.; SILVA, T. T.; WOODWARD, H. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. De Tomaz Tadeu Silva. 11ª Ed. São Paulo: Vozes, 2009.

HENNINGEN, I. Modos de ser Homem e ser Pai na Mídia. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (Org.). *Gênero e Cultura – questões contemporâneas*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004.

MORAN, J. M. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias*. Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm>>. Acesso em: 12 maio 2010.

MORIN, E. *A Cabeça Bem – Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

PRADOS, R. M. N. Linguagens e construção de sentido: os universos discursivos literários e as paixões. In: MELO, E. M.; PRADOS, R. M. N.; GARCIA, W. (Org.). *Linguagens, tecnologias, culturas: discursos contemporâneos*. São Paulo: Factash, 2008, v. 1, p. 47-89.

PAIS, C. T. Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma ciência da Interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. In: *Acta Semiotica et Linguística*. SBPL, vol. 11, ano 30. São Paulo: Terceira Margem, 2007, p. 149 – 157.

SCHØLLHAMMER, K. E. À procura de um novo realismo: teses sobre a realidade em texto e imagem hoje. In: OLINTO, H. K.; SCHØLLHAMMER, K. E. (Org.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: Puc, 2002.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, J. C. F. *Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SOUZA, H. G. *Diagramas Concretos: uma leitura comparativa das poéticas de João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos*. São Paulo: Annablume, 2004.

STEIN, E. O corpo virtual - a modernização dos sentidos.
In: BIRCK, B. O.; RODRIGUES, L. P.; PIVATTO, P. S.
(Org.). *Filosofia Na Atualidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS,
2007, p. 9-24.

Enviado em 11 de abril de 2011
Aprovado em 20 de maio de 2011